



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VALENTIN CRUZ

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-194

Entrevistado/a: Marcelo Valentin Silva (Valentin Cruz)

Nascimento: 03/04/1967

Local da entrevista: Porto Alegre/RS.

Entrevistador/a: Juliana Werner

Data da entrevista: 13/12/2010

Transcrição: Juliana Werner

Copidesque: Luciane Silveira Soares

Pesquisa: Luciane Silveira Soares

Fitas: Gravador digital

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CRUZ, Valentin. *Marcelo Valentin silva (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Entrevista com Valentin Cruz bailarino e professor de tango na cidade de Porto alegre. O depoimento apresenta o contato de Valentin com o Tango, bem como sua trajetória como professor e bailarino de tango em Porto Alegre.

Porto Alegre, 13 de Dezembro de 2010. Entrevista com Valentin Cruz a cargo da entrevistadora Juliana Werner, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.W. Vou te pedir primeiro que tu me passes teu nome completo e data de nascimento.

V.C. – Valentin Cruz é nome artístico, o nome de nascimento meu é Marcelo Valentin Silva. E quando cheguei a Porto Alegre me diziam: “Como Marcelo Valentin *Silva*? Não, não pode ser, não pode ser”, dizia a diretora de cultura de Pelotas. Mas, bom, vou te dar os dados primeiro. Nasci em 3 de abril de mil nove....tenho que falar? É importante isso, não? É que o tempo é duro e cruel, mas tudo bem. Mil novecentos e sessenta e sete. Pois é, passei dos quarenta anos e [trecho inaudível]. Bom, que mais? Nasci em Buenos Aires, no bairro Once, mas que nada, em Balbanera. Meus pais são da província de São Luis perto do Chile, na Argentina. E meus pais dançavam muito, eram os bailarinos da família e eu, desde criança do lado deles, nos braços deles... Lembro até hoje, que às vezes ficava mareado de tantas voltas que eles davam, e eu nos braços deles. Algum dado mais?

J.W.- Então o teu contato com o tango veio desde cedo?

V.C.- Desde pequeno. Com o tango e com as danças folclóricas Argentinas... E com as polcas, chamamé, que eram ritmos que vinham de outros lados, mas que em Buenos Aires juntavam todas as pessoas do interior. Como o que vocês chamam de caipiras... Toda essa gente trazia a cultura de cada lugar para Buenos Aires. Porque em Buenos Aires, meramente se fala de tango, de valsa, de milonga, mas no resto de país existe a chacarera, o samba, a cueca, que para vocês tem outro significado, e depois a polca... Do exterior, a mazurca que vocês também tem aqui, que influenciou o xote, esses ritmos gauchescos que vocês tem. O chamamé que nos compartilhamos, tanto gaúchos como argentinos, que se dança diferente, aqui se dança diferente do que lá. Mas compartilhamos em si quase o mesmo, compartilhamos o chimarrão, o churrasco, todos os costumes são muito parecidos. O clima é muito parecido, o clima do sul com o clima de Buenos Aires... Então [palavra inaudível] muito nesse sentido. Eu não penso que estou aqui

pensando, que estou só no Brasil... Penso que estou numa terra onde a cultura é tão similar, onde os costumes são tão similares que me sinto muito em minha própria casa.

J.W.- Legal. Eu ia te perguntar qual tinha sido teu primeiro contato com o tango, mas como tu já respondeu dessa proximidade com a dança desde cedo...

V.C.- Desde pequeno, com cinco anos de idade já me botaram no palco pra fazer show, pra fazer.. Coisa de pai sabe, que quer ver o filinho bailando... Comecei com as danças folclóricas: chacarera, malambo, sapateado, essas coisas. Inclusive estive em Buenos Aires há pouco e encontrei um sapato meu e eu o trouxe comigo porque é um sapatinho bem pequeno, é uma botinha pequeninha que eu usava. Todos me dizem: “Ah bota no bronze”, eu deixei assim no couro mesmo, vou fazer um, sei lá, para lembrar dessas coisas. É claro que existe o tango que baila o povo, o povo que não estuda, senão aquele que o transmite de geração em geração. E existe o tango que o estudam, onde há a incorporação de elementos estéticos, técnica, trabalho de musicalidade, ritmo e que já vai a outro plano o tango. Os portenhos, por exemplo, bailam este tipo de tango, com mais estudo. E depois há o tango em nível mais artístico [palavra inaudível] e de cenário em teatro, em palco e nos grandes salões.

J.W. – E tu começaste a dançar tango mesmo com que idade, mais ou menos?

V.C. - Olha, primeiro antes de dançar tango, tem que haver o contato com essa música, com essa energia que é o tango. A energia do tango toca a maioria de nós das crianças. Nos fazem bailar assim para: “Ai que bailem um tango”, mas uma criança de menos de doze anos ou quatorze anos não sente o tango como o sente um adulto. Por quê? Porque o tango tem uma coisa de paixão, de ódio, de traição, de nostalgia, coisas que para uma criança é diferente. Eu posso copiar um movimento, mas sem bailar um tango. Me colocaram um chapeuzinho quando era criança assim, mas eu não o sentia. Comecei a sentir o tango quando tive minha primeira paixão, aí comecei a entender o que era o tango. Quando comecei a gostar das meninas, quando cresce, vai crescendo, de ter vergonha de estar ao lado de alguém que tu gosta, essas coisas de guri. Quando começam as ter as primeiras experiências, tudo isso. Aí foi quando o tango começou a tocar, que seriam quatorze anos, treze, doze e um pouquinho. Escutava muito Carlos Gardel. Meu pai tem um tio meu que visitávamos no centro da cidade, que vivia num

“conventillo”, o que seria cortiço, e nesse “conventillo” me lembro havia [interrompido pelo celular]. “Perdone”, esqueci de desligar o celular... Bom e na casa de meu tio...Meu tio Cuta já faleceu, minha tia Poli ainda está viva é irmã de meu pai. E íamos ao centro da cidade¹ para conhecer o Obelisco² para conhecer La Boca³ e tudo isso. Meu tio tinha um enorme toca-discos onde ele colocava o disquinho de pasta, colocava os discos de Gardel e eu ficava horas escutando: [canta um trecho da música de Gardel] *“acaricia mi ensueño, el suave murmullo de tu suspirar, como rie la vida, si tus ojos negros me quieren mirar”*... Sabe aí cantava *“el día que me quieras”*... E ficava pensando na guria que eu gostava e chorava, essas coisas sabe? Aí é que o tango começou a me tocar mais, digamos, que quando tu já começa na tua adolescência, o tango começa a te tocar mais... De criança é uma questão estrutural para conformar o pai e a mãe que querem que a criança baile, mas depois que tu passa dos quatorze anos... Daí já passei a ter um contato mais direto com o tango, foi uma questão de história de vida que se misturavam com as melodias que nos seduziam e que nos faziam chorar e escrever poemas.

Eu nunca vou esquecer um poema que escrevi quando era assim jovem, e eu era apaixonado por uma mulher. E eu dizia assim: uma mulher para mim na época uma guria assim de uns dezoito anos era mulher para mim. E eu dizia *“no tengas miedo de volverte a enamorar, que no el ultimo nin el primeiro dueno de tu sentir y no te vas a morir se los deixar de amar”*. E ela ficava assim... ela era alta, loira e eu era pequeno, sabe? Claro as gurias de dezoito, vinte anos olhavam para os guris de trinta ou vinte e cinco anos, não iam olhar para uma criança. E eu dizia no poema que ela não tinha que se apaixonar por outro que poderia se apaixonar por mim. Essas coisas! E quando comecei a conhecer grupos em Buenos Aires, profissionais, Balé Franca, Bale Del Folclore Nacional de Argentina, conhecer a grandes maestros como Carlos Rivarola⁴, “Cacho” Dinzel⁵, Nito e Elva⁶, Ricky Barrios⁷, Nito e Elba⁸, Alberto Villarazo e Nelly⁹.

¹ Referência a cidade de Buenos Aires.

² É um monumento histórico da cidade de Buenos Aires, Argentina. Foi erguido na Praça da República, no cruzamento das avenidas Corrientes e 9 de julho, em comemoração ao quarto centenário da fundação da cidade.

³ La Boca é um bairro da cidade de Buenos Aires que, por sua localização próxima ao porto, foi habitada por muitos estrangeiros que chegavam pelo porto para trabalhar.

⁴ Bailarino e coreógrafo argentino de tango.

⁵ Escritor do livro sobre a metodologia do abraço no tango.

⁶ Casal de bailarinos argentinos que divulgam pelo mundo a prática do tango, são também professores.

⁷ Bailarino argentino de tango.

⁸ Casal de bailarinos e professores argentinos que divulgam pelo mundo a prática do tango.

⁹ Casal de bailarinos e professores argentinos de tango.

E comecei a conhecer outros bairros onde as características do tango eram fortes, como Bicho Urquiza, Bicho Crespo, bairro da Constituição, o bairro Once mesmo, onde nasci, Palermo, vários lugares onde tu vais vendo os grandes personagens que existem.

As pessoas que bailam o tango do povo sem nenhum tipo de sentido estético nem técnica nem nada, só o ritmo. Rítmico sim, caminhar de forma rítmica. E depois tu vais ver outros que tem um pouco mais de aprofundamento no tema e trabalham mais a musicalidade, trabalham a estrutura estética, a técnica, quando esticar a perna, quando flexionar, como a postura, como está o abraço, como está o corpo, conduzir a mulher através do abraço do corpo e não empurrando com as mãos. Empurra pra cá, empurra prá lá... a mulher parece um saco para aqui e um saco para lá. Se fala isso?

J.W. – Pode falar, fica bem à vontade. Na tua opinião, de tudo que está falando do tango, a grande diferença do tango que se dança profissionalmente seria a questão estética e os passos? Os passos são diferentes?

V.C.- Os profissionais tomam algumas coisas do povo para projetar-se lá. Por isso é um tango mais de projeção. Artista o que faz? Toma a essência, estuda as bases desde aquele personagem que bailava todo torto... Não importa, esse serve também para estudar, só que um... Na dança para poder, para ter um público que pague ingresso que é o melhor publico, não é. O público gratuito não é muito respeitoso às vezes, fazem barulho... O melhor público é o que paga, então, esse público quando vê o artista e se sente refletido, esse público te aplaude de pé, se emociona, essas coisas. Mas para isso, para que tu vejas um músico, um bailarino, um artista tu tens que chegar a ver essas coisas, esse aperfeiçoamento que tu vês que agem com uma naturalidade. Um músico que faz caras [som do instrumento], e tu te emocionas de “como o cara faz isso tão fácil?”, ou tu vê alguém bailando e com a perna faz assim, com a perna faz a lá, saca a perna da mulher e a mulher, faz uma sentada, gira, tchan tchan. E tu vê uma perfeição de movimento que o homem do povo não vai fazer dessa forma, vai fazer da outra forma, a que ele tem. E aí é onde te chega isso, não. E isso é fundamental para dar uma qualidade de trabalho pra as pessoas que [palavra inaudível]...Porque aí, em torno da dança, em torno da arte sempre tem negócios, como coisas comerciais que se vendem: sapatos, roupas, se vendem discos, que se vendem vídeos, DVDs, cd, etc. Empresas, agências de viagens que organizam viagens para ir a bailar samba no Rio de Janeiro, para bailar tango em Buenos Aires, para conhecer a tarantela na Itália - se é que existe

ainda - Porque vão se perdendo através do tempo as coisas, ou vão para Cuba para ver como é que é salsa lá, será que é a mesma salsa que nós bailamos? E assim sucessivamente. Então ao redor disso existem em outras coisas que a gente, o povo quer ver respeitado. Ver um artista, ver um quadro, ver uma obra de arte.

J.W. – Voltando um pouquinho... Então, agora, neste momento que tu começa a sentir mais o tango, que tu começa a fazer aula, a partir de então tu sempre dança tango?

V.C. – Sim. É que assim, a diferença de outras danças... O tango tem, digamos assim, ganhou respeito dentro da sociedade. Quando me diziam: “ah bailar folclore, chacarera, sapa, Malan”. A gente ia, nos davam a coca-cola e “choripan” como dizíamos, que é um pão com lingüiça sabe? E estávamos felizes e contentes. Só que éramos jovens! Quando tu vai crescendo tu vais vendo que para viver neste mundo temos que pagar contas [risos] e às vezes há muitos bailarinos que se frustram nesse sentido porque querem seguir bailando mas não tem a entrada econômica para seu sustento, terminam fazendo outras coisas paralelas. Contudo, o tango nesses últimos anos criou uma dignidade, a maioria dos bailarinos que se dedicaram ao tango seriamente. Porque eu encontrei professores em outras partes do mundo... Meu Deus, diziam que eram professores de tango e não sabiam nada e tinham um monte de gente... Ou assim: material para vender, DVD e tudo. E eu ficava indignado com essas coisas, “mas como?”. Um cara que estuda, que rala, que anda. Eu vim de uma família humilde na qual eu tinha que chegar, para ir aos bairros de tango que ia estudar, tinha que pegar um ônibus para pegar o trem, depois do trem tinha que descer e pegar mais outro ônibus para poder chegar ao lugar. E às vezes não tinha dinheiro para isso. Como fazia? Eu tinha que pedir ao motorista *por favor* que me deixasse subir, para poder chegar aos lugares. E nesses lugares terminavam às vezes, eu fazia as aulas e depois vinha o baile, e o baile terminava as quatro ou cinco da madrugada e, às vezes, até as seis da madrugada, depende dos lugares. E eu tinha que voltar essa hora com as mesmas características, pegar um ônibus, pegar o trem e pegar outro ônibus para poder chegar. Então tudo isso teve um sacrifício e teve um histórico por trás dos meus anos, porque eu passei por cada passo dado desse. Eu não pulei nenhum degrau da escada, tive que dar cada passinho. Por isso que eu defendo muito meu trabalho e tudo que eu tenho porque custou. Não foi nada dado de presente, foi tudo à base do sacrifício. E naquela época que eu vivia em Buenos Aires, naquela época nem era todo mundo que tinha computador, nem todo mundo tinha

celular como hoje. Hoje em dia tu ligas um computador e tu vês, vamos ver um tango, quero ver um giro com uma sacada, tu vês tudo, hoje em dia tu vês tudo. Antigamente não, tu tinhas que ir até os lugares, transpirar, esperar e juntar as moedas para poder pagar as tuas aulas. Um cara dando aula, ensinando algo que vai dar um crédito, digamos através do tempo, que era algo que eu sabia se invertia ia dar. Ao mesmo tempo os outros tipos de baile não tinham o mesmo respeito que o tango. Ao tango lhe deram respeito. Quando comecei a trabalhar com tango, consegui trabalhar, ter todos os meses meu dinheiro, poder alugar um apartamento, com o tempo vim ao Brasil, estive nos EUA, viajei para Europa. E aí tu via como o tango era digno de dizer, “vou investir no tango e vou trabalhar com tango”. E quando te perguntam: “com o que tu trabalhas? Eu sou professor de tango. Eu sou professor de tango, aulas, baile, faço show. Não, não, mas com o que tu trabalhas? Eu digo está me deixando nervoso, que queres que fale? Que sou um pintor de parede, um pedreiro, tudo isso? Que tem toda sua dignidade, seu trabalho, mas que eu me dediquei a este”. Muitos não acreditam que com a dança se vive, mas para viver com a dança deve ser muito estudioso nesse aspecto, estudar muito bem a dança para poder transmiti-la. Para que não se fique numa linha muito medíocre. Não só me mexer para dizer que danço, não. Tem toda uma coisa que envolve isso, todo um contexto.

J.W. – Tu chegastes a dar aulas em Buenos Aires antes de vir para o Brasil?

V.C. – Sim, sim. Em Buenos Aires, por exemplo, trabalhava muito com turistas porque trabalhei no Michelangelo¹⁰, Casa Blanca que é uma casa que já fechou. A meia luz, trabalhei no Café Tortoni¹¹, La ventana de Buenos Aires¹², que foi uma casa onde estive durante dois anos, que fica na Belgrano e Chile, muita gente deve ter ido, e dancei no Teatro Colón¹³ da Argentina, Teatro Astral, Teatro Cervantes¹⁴, muitos teatros da Rua Corrientes e isso fez com que tenha uma conexão muito com turistas. Mas não é turismo que vem só pra comprar coisas de couro em Buenos Aires ou tirar uma foto no Obelisco e comer em grandes restaurantes. Mas o turista dedicado à dança, o turista que vem com

¹⁰ Restaurante que também apresenta shows de tango localizado no bairro, San Telmo em Buenos Aires

¹¹ Lugar que Durante a primeira metade do século XX foi refúgio de toda a intelectualidade e boemia da cidade de Buenos Aires. Localizado no centro oferece espetáculos de tango e jazz.

¹² Um dos principais teatros da Argentina e do mundo que no ano de 2008 completou 100 anos. Reconhecido por sua acústica e pelo valor artístico de sua construção.

¹³ Teatro argentino localizado na Avenida Corrientes na cidade de Buenos Aires.

¹⁴ Teatro Nacional Cervantes, fundado em 5 de setembro de 1921 pela atriz espanhola María Guerrero e seu esposo Fernando Díaz de Mendoza.

outro sentido à Buenos Aires, aquele turista que levanto na época da crise na Argentina, o turismo de tango foi que levantou, superou a venda das bebidas de coca-cola, foi impressionante isso. Saiu num jornal enorme de Buenos Aires “O tango superou a coca-cola”. Na época da crise e o valor do peso argentino, se encheu de europeus e americanos e de todas as partes do mundo porque... O tango... Eu tinha alunos japoneses que alugam salas. Em Buenos Aires tem muitas salas que tu podes alugar, para não necessariamente tem que ter uma escola como temos a Tanguera¹⁵ aqui em Porto Alegre. Senão que existem as pequenas escolas, mas também tem muitas sala que se alugam, e muitos professores que vivem com muitas aulas particulares. Eu tive Noriko e Akioje que eram uns japoneses alunos meus que durante quase dois anos eles vinham a Buenos Aires e estudavam. Era impressionante como eles só trabalhavam para poupar dinheiro para poder estudar tango e eu que estava lá dizia: “mas como pode ser isso, né? Como pode ser?”... E olha só, agora estando no Brasil eu me dou conta disso, porque cada vez que vou a Buenos Aires, visito minha família obviamente, mas me mato para estudar tango, ligo para professores. Só que as aulas de tango custam. Estão muito elevadas. Tu vais pagar uma aula de tango em Buenos Aires de 100 à 200 dólares a hora, de acordo de quem é o personagem que vai te dar aula, pela fama que tem. É impressionante, 100 dólares a aula, fazendo a conversão em reais é quase R\$ 200,00 - depende porque o dólar desceu um pouco. R\$ 180,00 a aula, uma hora. Eu que tenho que estudar a um nível profissional, gasto 2 mil dólares tranquilamente estudando em Buenos Aires, só para ir 15 dias, por exemplo. Porque às vezes me perguntam, “Ah Valentin são caras as tuas aulas, ou olha só está um pouco caro”. E eu explico: “olha, o processo é assim. Eu estou cobrando dentro do nível normal; normal dentro da preparação que tenho, da experiência que tenho”. Se eu sou uma pessoa que só gosta de tango e que nunca investiu um pila para estudar o tango, então bom, minhas aulas podiam ser mais baratas, certo! Mas nós investimos aqui. Cada assistente, cada instrutora que está aqui, viaja muito a Buenos Aires. Agora tem uma instrutora que vai passar três meses em Buenos Aires, e também investiram dinheiro. Mas sabe que isso tem um retorno. Aqueles que estudam uma coisa seguem pós-graduação, seguem fazendo curso, porque isso te alimenta, te acrescenta, te dá mais credibilidade no mercado também. Hoje em dia quem não se prepara fica para trás e depois não adianta lamentar. Somos jovens, preparemo-nos, juntemos todas as possibilidades de estudo que

¹⁵. Tanguera Estúdio de Danza Valentin Cruz, criada em por volta dos anos 2002 e 2003.

temos agora, com tudo o que gostamos de fazer. Porque muita gente diz assim: “Ah eu trabalho, mas eu não gosto do meu trabalho”, algumas pessoas falam isso. Mas eu diria assim: “luta pelo que tu gosta, luta, investiga, estuda, vê os caminhos que te podem levar para fazer o que realmente queres fazer”, porque às vezes que as pessoas querem fazer algo e não conseguem ficam frustradas, mas que acontece? A vida nos põe nesse caminho porque algum significado deve ter estar vivo nesse mundo. Nós viemos para cumprir uma função nessa terra. Será que minha função, a que estou fazendo é a correta? Será que o que eu sinto, esse fogo interior para ensinar, para bailar, é o que eu gosto? E eu sinto que sim, é por isso que eu vou atrás, por isso me cuido. Tu me esperou, que eu vinha da fisioterapia. Faço natação, musculação, minhas aulas com técnicas de alongamento que Marlise Machado¹⁶, minha parceira, desde que me conheceu me pôs nessa linha. Trabalhar bem, porque quando a idade vai avançando temos mais experiência, mas o corpo precisa de cuidados. De cafuné ou carinho. [Risos]

J.W. - Me diz uma coisa, e no período da Ditadura? Esse período da crise foi quando mais ou menos?

V.C. - Na época da crise eu estava na Itália, na época da crise dois mil e ... deixa-me pensar para não falar erradamente. Por volta de 2005 ou 2006 foi a crise, entre 2003 e 2006 por aí. Teve uma crise muito marcante em Buenos Aires. Foi quando as pessoas abriam os supermercados, roubavam as comidas... Eu estava na Europa nesse momento. Eu fiquei mal mesmo, muito triste, eu falava com meu pai e ele contando que as pessoas iam para as ruas fazer fogueiras nas esquinas porque as pessoas começaram a ver como arrastões que passavam e queriam roubar as casas. As pessoas se juntavam com paus e tudo, olha foi uma coisa... Não sei se aqui no Brasil notificaram isso, mas a gente vivia um pânico. *Um pânico* bastante grande.

J.W. – Eu acho que aqui talvez não tenha se dado essa dimensão

¹⁶ Bailarina e professora da tanguera.

V.C. - As pessoas saindo com panelas, saindo até a Plaza de Mayo¹⁷ a gritar e brigar. Se vocês importassem todos os argentinos para Brasília não sobrava ninguém no congresso. [Risos]

J.W.- Precisávamos trazer alguns de lá [Risos]

V.C. – Por isso que trouxeram a Brasília toda a sede política, porque está num lugar isolado, para que o povo não possa chegar. Seguramente o povo iria, no Brasil, seguramente que os gaúchos estariam lá se o governo estivesse mais perto. Bom, não vou discutir política. Política... eu adoro política, mas a política que dá algo em torno ao que nos fazemos. Por isso que nós temos a frase aqui em que nós dizemos “Nossa religião é o Tango, Nossa política é bailar”, para os alunos. Na camiseta que eu fiz eu pus “Minha religião é o Tango e minha política é bailar”. Tem todo um significado.

J.W. – Retornando a essa fase um pouquinho mais atrás, no período da Ditadura, como que foi para o tango isso, qual foi o impacto que isso teve para o tango em Buenos Aires?

V.C. – Sim, foi bastante forte. Porque na época da Ditadura se proibiam as reuniões, então, se chamava estado de sítio. Quando davam um alerta de estado de sítio, não podia haver reuniões, e se haviam reuniões e a polícia aparecia todo mundo saía correndo, ou eram levados presos os que organizavam. Então, tudo que era... Assim, até um simples aniversário tinha que ser muito oculto dentro de uma casa porque em grandes salões comerciais era impossível fazer isso. Porque na época da Ditadura, tu sabe, eles não querem que o povo se junte porque pensam que estão tramando algo contra eles, contra o governo, essas coisas. Então o tango meio que sofreu um isolamento, mas as pessoas se juntavam clandestinamente igual, se juntavam, só que corriam seus riscos. Houve muitas pessoas presas por esse motivo e tudo, foi uma época... Digamos, eu nasci em 67 a Ditadura Militar é... Digamos 1983 foi o governo de Alfonsín¹⁸, e naquele período dos

¹⁷ é a principal praça do centro da cidade de Buenos Aires. A Praça sempre foi o centro da vida política de Buenos Aires, desde a época colonial até a atualidade. Seu nome comemora a Revolução e Maio de 1810, que iniciou o processo de independência das colônias da região do sul da América do Sul.

¹⁸ Raul Ricardo Alfonsín, Presidente da Argentina entre dezembro de 1983 e julho de 1989.

nos 75, 76, 77, 78 inclusive, na época do Mundial da Argentina¹⁹ que todo mundo comenta que Argentina saiu campeã e que teve alguma manifestação estranha aí da parte militar... Eu igual torci para a Argentina, gritei nos gols de Passarela²⁰, Tarantini²¹, Bertoni²², Fillol²³, , um jogador chamado Bicha²⁴, mas não bicha no significado de vocês, me lembro. E nessa época aparecia o Presidente Videla²⁵, [palavra inaudível] com o dedo para cima: “La Argentina está avançando!” Mas isso, infelizmente foi uma mancha que para o Brasil também teve, toda a America Latina.

J.W. – O que eu acho bem curioso no filme do Carlos Saura²⁶, tem uma cena que ele fala que durante a Ditadura os torturadores utilizavam tangos em volume extremamente altos para abafar os gritos daqueles que estavam sendo torturados.

V.C. – Sim, inclusive há uma cena no filme que eles atiram em uma fossa os corpos, isso é muito forte sabe, muito forte. Eu tive parentes meus muito perseguidos nesse sentido. Eu me lembro de ser pequeno e que os militares entraram dentro da minha casa buscando meu pai, porque meu pai era do grupo sindicalista do peronismo²⁷. Mas naquela época eram sindicalistas honestos que lutavam pelos trabalhadores, não os de hoje, mas eu não vou nem comentar. Mas naquela época meu pai era um cara que lutava pelos ideais do peronismo e lhe denunciaram, alguma pessoas denunciaram porque meu pai gostava de fazer reuniões, mas para dançar. Na minha casa se juntavam, faziam churrasco, bailávamos todos, e tínhamos uns vizinhos aí meio, sei lá, na parte política... Dizendo que a minha família era comunista e vieram os militares, botaram a porta abaixo, me lembro de ser pequeno e olhar as armas todo assustado. Meu pai não estava esse dia, não lhe encontraram, pegaram os livros, essas coisas.

J.W. – Então o tango tem uma diminuição bastante grande nesse período?

¹⁹ Copa do Mundo de Futebol, realizada na Argentina em 1978. A seleção da Argentina sagrou-se campeã.

²⁰ Daniel Passarela.

²¹ Alberto Tarantini.

²² Daniel Bertoni.

²³ Ubaldo Fillol.

²⁴ Nome sujeito à confirmação.

²⁵ Jorge Rafael Videla Redondo, Presidente da Argentina de março de 1976 a março de 1981.

²⁶ Referência ao filme Tango, de 1998.

²⁷ Denominação atribuída ao Movimento Nacional Justicialista, criado e liderado a partir do pensamento de Juan Domingo Perón.

V.C. - Claro, diminuiu um pouco, mas as pessoas se juntavam nas casas de família. Não se podiam juntar em cubes, salões expostos, que controlassem assim, podiam contar somente para a família, às ocultas. Por isso que [palavra inaudível] o tango. O tango tinha que seguir, não podia parar. Por exemplo, Osvaldo Pugliese²⁸, um músico que era comunista, lhe detiveram, ele esteve preso e o governo da China uma época quis contratá-lo para um show teve que negociar com os militares da época para deixá-lo sair, porque estava preso, para fazer ao show e depois voltar. E sempre no piano põe uma flor vermelha para esse autor e grande compositor, Osvaldo Pugliese.

J.W. – E em Buenos Aires tinha a prática mais de pessoas de que idade dançar? Isso que tu tiveste, por exemplo, de nascer em uma família que dançava tango, isso era normal?

V.C.- Sim, minha família... Vou te explicar uma coisa, meus pais dançavam tudo. Dançavam folclore, dançavam ranchera, chamamé, tudo! E bailavam o tango que bailava o povo, só caminhar, sem figuras. Aquele modo de dançar que era só tempo, contra-tempo, tempo, contra-tempo, cortadito como chamam aqui, e era isso. Não era o tango que se bailava com giros, com sacadas, não. Era uma coisa bem simples, porque eles vinham do interior, eram mais caipiras. Os que bailavam o tango mais... E bailavam com giros e varrida eram os portenhos, os do centro da cidade, onde quem queria aprender tinha que ir até o centro. Como eu te falei que tinha que pegar um ônibus, um trem, outro ônibus para poder chegar até esse lugar.

J.W. - E os jovens dançavam bastante tango ou não?

V.C. - Sim, é que assim, na época do tango que eu me lembro quando eu frequentava, iam muitos jovens, *muitos* jovens. Mas eram jovens assim respeitosos, bem vestidos que iam aprender. Hoje em dia tu vês de chinelo, de tênis, calça rasgada bailando. Mas, Bueno, são época. São distintas épocas. E me lembro que conheci a mulher do Robert Duvall²⁹ – Robert Duvall se chama, não é? – que naquela época ela já estava dando aulas, me deu uma aula para mim [trecho inaudível] ela é do interior também e Bueno. E ele conheceu a casa dela, se apaixonou, se declarou e ela se aproveitou...um americano! [risos] Ela era jovem, e também havia muita mistura, senhores dançavam

²⁸ Osvaldo Pedro Pugliese (1905 – 1995) foi pianista e músico de tango na Argentina.

²⁹ Ator americano.

com gurias jovens que estava aprendendo. Isso era bastante, bem equilibrado... Na época fechou diversos bailes, inclusive hoje em dia há muita juventude, essa juventude de calça rasgada. Inclusive havia um lugar chamado a Catedral, em Buenos Aires, que era um lugar bem louco. Fumavam de tudo, tu sentias cada cheiro. E esse lugar, um dia a polícia entrou, foi uma bagunça, era um lugar assim todo bem louco, penduravam as calcinhas, cuecas, meias, sapatilhas, assim era tudo, era bem loco. [Interrupção, telefone toca] Então que acontecia esse jovens se integravam, inclusive há um show de Forever Tango que mostra um senhor de idade bailando com uma mulher mais jovem. O personagem quem fazia era Gavito com Plazaola ou Marcela, que eram as duas bailarinas. Mostrava um homem, senhor, que conseguia bailar com uma mulher mais jovem.

J.W. – Tu vieste para Porto Alegre em que ano?

V.C. – Olha, foi por etapas. Eu estava fazendo um show em Mar Del Plata onde me conheceu a Lucita Resquera, a diretora de cultura da cidade de Pelotas, uma cidade aqui do Brasil. Ela com Urute que era um professor que dava palestras sobre o gaúcho em todo mundo nas universidades. Ele dá muitas palestras sobre o gaúcho, estive na França, estive na Europa, trabalhou bastante. É porque o gaúcho tem todo um histórico de sofrimento também através da história. Esse homem que não estava acostumado a ser limitado, era livre, pegava a carne onde queria, andava pelos campos, depois começaram a fechar os campos, o cara se sentia limitado era procurado pela polícia porque ele matava e comia animais. Depois a polícia da época os perseguia, os tratava como delinqüente, aí os gaúcho tiveram que correr e se aliar com os indígenas, daí os indígenas eram atacados pela polícia daquela época e bom. Era toda uma história que, bueno... Esse homem falava sobre o laço, as boleadeiras, como viviam, como se alimentava, como eles eram desposados de suas mulheres pelos próprios policiais da época, os militares da época que seqüestravam suas mulheres e que se apropriavam das mulheres deles e eles ficam sozinhos pelos pampas, muito interessante... Mas isso, bom, Urute com Lucita me conheceram em Mar Del Plata, viram um show meu que estava fazendo, eu fazia um show um pouco humorístico. Eu mesmo personificava “compadrito”, mas também personificava uma mulher, uma francesa que era dona do “cabaret”. E eu falava assim como mulher, falava: “Ola como estan todos ustedes”, assim com voz de mulher, e inclusive no Orkut se o quiserem ver tem uma foto minha

dessa personagem que chamava Rosalía. Eles gostaram muito e queriam que eu fizesse o personagem no Brasil, só que teria que transcrever todo porque era assim uma espécie de teatro e dança. E era difícil fazer porque, naquela época, eu não falava português, e não sabia como fazer a troca. Então eu disse: Não, façamos algo mais sério, um tango, ou curso de tango, e deu que era o que mais saía. Então foi assim que fui a Sociedade Leones ou Leão de Ouro não sei, Clube Leão³⁰ em Pelotas, e o curso saiu.

J.W. – Mais ou menos em que ano isso?

V.C. – Deixa eu me lembrar, 96 ou 95. Acho que lá por 94 ou 95. Eu não me lembro bem, de data não sou muito bom, mas foi por esses anos. Depois me fizeram uma parceira a Porto Alegre, Casa de Cultura Mário Quintana. Dei um curso da Casa de Cultura Mário Quintana. Conheci a gente de Porto Alegre e depois voltei para Buenos Aires. Depois outra vez me voltaram a contratar para vir a Pelotas dar outro curso, fui outra vez, voltei, e assim sucessivamente, até que vim definitivamente a Porto Alegre. Pensei: “ bom, me vou a Porto Alegre que é uma cidade maior e vou trabalhar na Casa de Cultura Mario Quintana”, e eu fui. Vim na Casa de Cultura Mário Quintana, fui ficando e tive que renunciar a Buenos Aires. Em Buenos Aires dava aula de música e dança numa escola para crianças, tive que renunciar a isso. Porque comecei a ter períodos em que ficava três, quatro meses, não me durava tanto a minha licença, não durava tanto tempo. Bueno e fui ficando, fui fazendo amigos, conhecendo gente, conheci a mãe dos meus filhos, aqui. Depois voltei a Buenos Aires para ver minha família, daí a mãe dos meus filhos me liga dizendo: “Estou grávida”. Eu voltei, sabe para conhecer os pais dela, quis assumir uma família, fiquei feliz, muito feliz e tive dois filhos, depois com o tempo me separei. Essas coisas da vida, né. Depois comecei a ter propostas, estive com outro sócio em Porto Alegre, não se deram bem as coisas depois, mas tudo bem, faz parte. Fui dando aulas também em outro Leão de Ouro na Carlos Gomes, 300³¹, que agora não existe mais porque agora fizeram toda essa perimetral.

J.W. – E a escola tu abriu em que ano, a Tanguera?

³⁰ Nome sujeito à confirmação.

³¹ Referência a rua Carlos Gomes, em Porto Alegre.

V.C. – Pois é, a Tanguera surgiu assim: primeiro estive dando aulas na Barão do Amazonas, no bairro Jardim Botânico, depois estive dando aula na Rua Dona Inocência, creio que se chamava, no Clube Militar, é um clube com piscina, um clube bem lindo que tem aqui. Do lado de onde fizeram essa perimetral agora. Estive nesse lugar Leão de Ouro, estive na Casa Artes Baka também, dando cursos, estive em outro que chamava, um salão na Rua Miguel Tostes que se chamava Buraco, até que estive uma proposta de um aluno meu que era Lucas Siqueira³² naquela época, ele era bailarino de balé, ele e Patrícia que era minha primeira parceira que tive aqui. Eu dancei com Carina Morudo uma argentina que esteve aqui, mas ela não podia ficar no Brasil, teve que voltar. Aí terminei dançando com a mãe dos meus filhos Tatiana Flores, só que ela era bailarina de flamenco, não era o tango que lhe, a paixão dela era o flamenco. Aí até que conheci Patrícia Calderon, que se chama Patrícia Cassun na realidade e formamos uma “pareja” de baile, que começou a crescer e começou a crescer, e Lucas Siqueira nos propôs, porque Lucas havia alugado um salão para dar suas aulas de balé e coisa, e como ele dava em clubes, disse: “porque vocês não ficam aqui, montamos uma sociedade nos três?” Daí conheci a Tanguera, que era na Cristovão Colombo 344, esquina Santo Antônio. Conheci o lugar e eu, como havia vindo da Europa e economicamente estava bem, eu comprei os assoalhos, como falam vocês, piso de madeira para fazer tudo de madeira. Conseguimos fazer os dois salões, aí investimos um dinheiro aí, ficamos todos felizes e contentes, e foi assim. Por isso que Tanguera... tem um quadro que tem na entrada que tem três bailarinos juntos, que eram Lucas Siqueira, Patrícia Calderon e eu. Que conformavam o nome da Tanguera, que se colocou esse nome. E depois bom, Lucas foi para o Chile, integrar o balé do Chile, e depois Patrícia, teve sua filha, ela havia casado, ela tinha sua profissão de psicóloga e os horários já não eram os mesmos. Quando um se dedica mais à família e ao trabalho pessoal... Aí fiquei sozinho com a Tanguera. Até depois mudarmos aqui. Conheci também, tive grandes paixões, me apaixonei muito, depois não deu certo. Tive outras parceiras assim que não deu certo, mas fiquei aqui com a Tanguera.

J.W. – Quando a Tanguera surgiu então não era só uma escola exclusivamente de tango? Ou era só tango?

³² Bailarino com formação em balé clássico e tango que atualmente desempenha suas atividades em Santiago (Chile). Atuou como bailarino profissional no Ballet Nacional do Chile dirigido pela bailarina Márcia Haydée.

V.C. – Sempre foi de tango, sempre! Só que tentamos colocar dança de salão, chamamos o Ranieri Camargo³³, professor, tivemos também Ana Carina³⁴ também, dando dança de salão, mas o forte em si era tango. Houve algumas aulas de dança de salão, mas não eram muitas. Chamamos o professor Arnel³⁵ para dar salsa também, nessa Tanguera que é na rua Comendador Coruja, 380, que é a nova Tanguera digamos. Mas também parece que não dão certo os outros ritmos por enquanto aqui. Mas temos uma sala para abrir, esperamos que em breve, onde sim vamos misturar outros ritmos, só que o salão superior vai ser sempre tango porque esse é o salão do tango. Essa é a única academia em Porto Alegre que trabalha só com tango. Então eu às vezes começo às dez da manhã, hoje comecei a dar aula cedo também e dou aula de tango desde dez da manhã até as dez da noite.

J.W. – E desde que tu começou com a escola tinha uma aceitação grande do público aqui em Porto Alegre? Tinha bastante alunos? Como é que foi o início?

V.C. – Como fui em vários lugares de Porto Alegre, inclusive fui até Caxias³⁶, dei aula na Universidade, na UCS³⁷ também, estive em outros lugares, em Passo Fundo, em Santa Maria³⁸, vários lugares que fui para fazer show ou para dar cursos. Isso faz com que esses lugares nos geram um vínculo com muita gente que gosta de tango e através dos anos vai amadurecendo a relação... E muita gente! Cada vez que se fazia um “workshop” ou algum curso intensivo, vinham para visitar-nos, aqui ou na Casa de Cultura Mario Quintana porque às vezes nós oferecíamos cursos gratuitos na Casa de Cultura Mario Quintana. Isso foi crescendo, não foi de um dia para outro, já tive que dar aula para duas, três pessoas, normal, mas através do tempo tu vais mostrando teu trabalho, tu vais mostrando que as pessoas consigam aprender, que aquilo como o tango não é tão difícil como elas achavam, que é algo para aprender. Na medida em que cresce, todo mundo se sente mais integrado, a gente consegue planificar certas coisas,

³³ Professor, bailarino e coreógrafo de dança de salão, diretor da Oito Tempos de Porto Alegre.

³⁴ Ana Karina Paz, bailarina e professora de Tango.

³⁵ Arnel Guerra, professor cubano de salsa.

³⁶ Caxias do Sul, cidade da Serra Gaúcha,

³⁷ Universidade de Caxias do Sul.

³⁸ Cidades do Rio Grande do Sul.

como o Festival³⁹ que se fez nesse ano em 2010, de 3 de junho a 6 de junho. Que no próximo ano vai ser em 2011 de 23 de junho a 26 de junho. Já contratamos com os bailarinos já estão prontos, estamos negociando com as orquestras para ver que orquestra tem o perfil para abrir o Festival. Para poder fazer todas essas coisas, cursos, “workshop”, festival, tu tens que ter público, se tu não tens público não adianta fazer nada. E esse público foi se conquistando através de todos esses anos, ganhando a credibilidade da escola e a minha também. Eu sou um cara brincalhão, sou honesto com que faço, com meu trabalho. Porque alguns dizem: “Ah Valentin, meio palhaço brinca”. Sim, mas eu prefiro dar uma aula mais descontraída, uma aula mais alegre, não ser rígido e olhar mal para aquele que não consegue fazer o passo, não. Tenho que ajudar a fazer o passo, não criticar. Tenho que fazer isso, não posso fazer-me de estrela dando aula, tenho que deixar esse lado de vaidade para hora do show. Porque daí me maquio, ponho meu melhor figurino, me transformo, mas que isso não me dure na realidade. Na realidade tenho que ser uma pessoa humilde, carinhosa, afetuosa, conseguir mostrar ao aluno que não sou um extra-terrestre porque danço mais ou melhor que outro ou pior que outros, não. Sou um ser humano normal e que aquela pessoa também vai aprender a bailar e vai se sentir bem fazendo isso e espero que não se suba a fumaça em sua cabeça, porque tem muitos que sobe fumaça quando... Assunto é meio brabo.

J.W. – Uma coisa que eu queria te perguntar é tem muitos lugares que vendem seu produto como ‘Aulas de Tango Argentino’, e outras só aulas de tango. O que tu me diria, o que diferencia o tango Argentino de aulas de tango?

V.C. – Bom, o “slogan” tango argentino, foi um slogan que se usou em um espetáculo que se fez na França, onde nesse espetáculo foi uma explosão. Tanto que depois Nova York abriu as portas para o tango, na Broadway. Que para entrar no mercado americano não é tão fácil, tem que ser, assim. Se abriram as portas para o Tango na Broadway e isso foi muito importante para o tango. Então, cada vez que uma pessoa aprendia a bailar um tango, em alguma escola mas não era o tango argentino. Era um tango dois pra lá e dois pra cá e uma sentada e era isso, segundo o professor do momento. A mudança para Tango Argentino inspirou a outras pessoas que estudassem o tango-tango. O tango que bailam aqui e que se forem a Buenos Aires podem bailar

³⁹ Festival Internacional de Tango de Porto Alegre promovido pela Tanguera Estudio de Danza que encontra-se em 2011 na sua segunda edição.

tranquilamente. Não que o tango que bailam aqui e vão a Buenos Aires e ficam sentados tomando uma cerveja, ou vinho, olhando como os outros dançam e não conseguindo participar. Só que elas precisam se integrar a isso. Se não que eles precisam ter um professor sério que quando diz *tango argentino* está mostrando uma qualidade de trabalho. Mas esse slogan meio que tocou aos “*hermanos*” uruguaios. Os *hermanos* uruguaios não se sentiam muito confortável quando se dizia tango argentino, mas por quê? Porque no Uruguai tem muita força com o tango, só que desgraçadamente o Uruguai não teve esse apoio político que teve a Argentina nos últimos anos. Se tu quer tango, tu não vai ao Uruguai buscar tango, tu vai a Buenos Aires. Por quê? Porque o tango em Buenos Aires já tem toda uma estrutura, todo um tempo de experiência, que tu consegues ver. Hoje em dia se tu vai ao Uruguai, tu consegue ver alguma coisa de tango, mas não é o mesmo que Buenos Aires que é uma explosão de tango, é um universo enorme de tango. Então meio que, eu em Porto Alegre, as vezes que coloquei tango argentino eu comecei a retirar, porque eu sou argentino e eu sei que eu dou tango. A gente que me conhece sabe que eu dou tango argentino, por respeito aos meus “*hermanos*” argentinos, eu coloquei só tango. Preferi só tango. Poderia colocar tango argentino? Poderia, porque eu sou argentino e o tango na Argentina é forte, é mais forte, mas eu acho que o tango não deve ser só uma coisa de argentinos. O tango hoje em dia é uma coisa do mundo inteiro. De nossos *hermanos* uruguaios, Francisco Canaro, grande urguai que foi um músico espetacular. Julio Sosa, cantor urguai fortíssimo, autor da *Cumparsita*. Pascual Contursi, todos esses. Gerardo Matos Rodriguez, porque Contursi e Maroni foram da letra, teve uma discussão com a letra também, mas isso é outra história. Então é como que, Tanguera dá suas aulas de tango e não especifico se é tango argentino, mas é o tango a Argentina me deu, é o tango que em Buenos Aires eu curti, que eu vivi, que vivenciei, desde o tango do povo até o tango mais refinado, por todas essas etapas.

J.W. – E o que tu me falas do Tango representado nos filmes?

V.C. – Bom, eu às vezes vejo uma boa intenção de querer fazer algo de tango só que não vão as fontes e infelizmente não sei, vêem o tango, e vestem tango como uma flor vermelha no cabelo, tipo espanhola, mas não se aprofundam. Quem tentou aprofundar um pouco mais foi Robert Duvall com o filme que mostrou mais tango. Mas Antonio

Banderas⁴⁰ fazendo aquela cena, não me desagradou porque esteticamente foi bom. Ou seja, tomaram o tango como uma ideia, mas não ficou ruim, só não era tango mas eles fizeram tão bem que eu gostei do Banderas fazendo aquele filme. Isso, a segunda versão de vem dançar, claro que a flor na orelha não tem nada a ver, essas coisas, mas tudo bem. Al Pacino fazendo “Perfume de Mulher”⁴¹, mostrou alguma coisa de tango, não era o tango-tango, mas era um homem cego, que se justifica, até que foi dentro dos parâmetros. O filme de Carlos Saura mostra o tango-tango porque foi feito em Buenos Aires, então mostra mais o tango-tango. Schwarzeneger⁴² também dançou num filme um pouco de tango, mas essas caídas, jogam a mulher para cima e para baixo, mas tudo bem, o tango serviu de inspiração. Tu vais escutar a musica tango em muitas publicidades dos Estados Unidos e Europa também, aqui também as próprias novelas, que põe a música de tango. O tango é muito forte, muito forte.

J.W. – E tu me indicaria algum filme assim que tu ache, produzido na Argentina também, um que tu ache que são realmente cenas de tango?

V.C. – O último bandoneon⁴³, por exemplo, que se refere bem à parte instrumental é muito bom. Mostra algumas coisas de alguns bailes, algumas milongas, os bailes de tango são as milongas né. Os fandangos daqui são as milongas de lá. O lugar que se vai pra dançar. Depois temos “O Tango e o Assassino”⁴⁴, que como filme não é muito bom, mas mostra coisas de tango. Depois temos o do Saura, mas que já mencionamos, vai ficar redundante repeti-lo varias vezes. Temos o Café de Los Maestros⁴⁵, que o documentário onde mostra também toda a parte musical. É também muito bom. Depois temos Tango de Carlos Saura também, que é um filme muito lindo. Tango Bar⁴⁶, que é um filme antigo também e vocês podem procurar. Deixe ver outro, se me vem à memória...

⁴⁰ Referência ao filme Vem Dançar (Take the Lead), dirigido por Liz Friedlander em 2006

⁴¹ “Scent of a woman”, dirigido por Martin Brest em 2006

⁴² Arnold Schwarzenegger no filme “True Lies” (A verdade da mentira, é um filme de 1994 dirigido por James Cameron, e estrelado por Arnold Schwarzenegger e Jamie Lee Curtis.

⁴³ Documentário onde cineasta Alejandro Saderman conduz com sensibilidade a história da bandoneonista Marina Gayoto, uma jovem que ganha a vida tocando nos bares e subterrâneos do metrô de Buenos Aires. “El Ultimo Bandoneón”, Argentina, 2005

⁴⁴ Assassination Tango, dirigido por Robert Duvall em 2003

⁴⁵ Dirigido por Miguel Kohan, em 2008.

⁴⁶ Filme de 1988 dirigido por Marcos Zurinaga.

J.W. – Não se tu já assistisses, provavelmente já, o filme *Uma lição de Tango*?

V.C. – Sim, sim. De Sally Potter. Sim, *Uma lição de Tango* é *muito bom*, não sei se como filme. Tem algumas tramas meio densas, mas o que se mostra a quantidade de aulas e o progresso dela a cada aula, a viagem dela a Buenos Aires, o reencontro com seu professor Pablo Verón. E daí aparecem meus professores Gustavo Naveira e Fabian Chagas. Estudei também com eles. É um bom filme, tem bastante coisas de tango, e para a época era bastante evoluído. Porque hoje em dia tem um tango mais moderno é o tango nuevo como lhe chamam. É um termo cunhado por Piazzola⁴⁷ musicalmente, mas que através desse filme *The Tango Lesson*, começaram a executar trabalhos fora do eixo, o abraço já não tão perto da mulher, senão que mais longe acima e mais perto abaixo. Daí começaram a fazer todas essas coisas.

J.W. – O abraço mais distanciado, então, é mais do tango moderno e não do tradicional?

V.C. – Sim, fora do eixo. Porque há o tango que se baila um pouco aberto, mas a noventa graus, este não, já diminui a quantidade de graus, se baila a uns setenta graus, mais inclinada a mulher. Onde o homem faz muitos giros sobre seu pé, da mulher, a inclinando para fora do eixo, buscar o equilíbrio fora do eixo. É uma coisa meio engraçada, mas é assim o tango nuevo.

J.W. – Pra encerrar eu queria te perguntar assim, não sei se tu já ouviu falar da terminologia “tango queer”?

V.C. – Tango ? Como se escreve?

J.W. – “Queer”. Tem uma professora de tango na Argentina e no “tango queer” a proposta é o que? Aulas e milongas que permitam o intercâmbio de papéis. Então, eu como mulher não vou aprender só o meu papel de acompanhar, mas também o papel de conduzir.

⁴⁷ Astor Piazzola

V.C. – Bom, vou te dizer uma coisa, ela não inventou isso. Isso já existe faz tempo, só que sempre há quem bote um slogan. Eu faço isso também faz tempo. Todas as mulheres que aprenderam comigo, bailam de homem, como eu de mulher. Durante muitos anos eu bailei de mulher. Inclusive quando, em Buenos Aires, apareceu a “Milonga Gay”, que para os tradicionalistas foi um horror né. “Milonga Gay, que é isso?”. Bom, assim como existem os gaúchos gay que contam em Buenos Aires, os gaúchos judeus, gaúchos cristãos, gaúchos gays... existe. Sai para passear com o cavalo e não volta, mas tudo bem. [risos]. Esse sistema, é um sistema que já existe, não foi ela que inventou, mas é quando se inauguram as milongas gays em Buenos Aires, se chamam La Marshall⁴⁸ aí para mim foi uma felicidade. Eu não tenho nenhum preconceito, sou hetero, normal, tranquilo... Já falei errado, tira normal porque está errado, eles também são normais. Mas eu bailava muito de mulher, tem uma ocasião me lembro, faz muitos anos, um cara me tira para dançar, de bigode assim alto... Bailei e ele gostou e me perguntou podemos seguir bailando toda a tanda? E eu sim, bailamos. A tanda eram quatro tangos, não podia deixar ele num tango, tinha que bailar os quatro tangos. Bailamos tudo e ele gostou. Daí eu disse: “muito obrigado”. Fui sentar. Quando vejo na próxima tanda⁴⁹ ele volta a me tirar pra dançar o cara. O cara dançava bem e gostei, bailei, quase toda a noite bailei com esse cara. Só que quando estava terminando o baile o cara tentou me beijar e eu tirei o rosto assim, e me pegou no pescoço, aí eu senti a sensação de uma mulher. Eu sempre falo assim: “os homens tem que sentir como mulher, para bailar como homens”. E nesse momento sempre me lembro, porque me fincou tanto o bigode no meu pescoço que eu senti uma coisa estranha, sabe? Eu disse: Meu deus e agora?” O cara era muito grande, musculoso, não vai me soltar. Eu disse não, não é agora que eu vou virar do outro lado da caixola. [risos] E eu falei: “desculpa, mas eu só vim para aprender a bailar de mulher”. – “Ah mas tu bailou a noite toda comigo” – “sim, mas tu dança bem, é pela dança que estou aqui”. Ele queria puxar um assunto para justificar, e “mas o que é que tu faz nesse lugar?” Eu disse: “eu venho nesse lugar porque eu gosto de aprender como mulher, não adianta só estudar em uma academia como mulher, e aprender o passo como mulher, eu quero viver o baile como uma mulher, quero sair a noite e dançar mas não porque vou me transformar em uma

⁴⁸ Espaço cultural que incentiva a prática do tango. Promove a chamada Milonga Gay organizada por agosto Balizano. Buenos Aires, Argentina.

⁴⁹ Tanda é um conjunto de tangos, geralmente 3 ou 4 tangos, que podem ser de uma mesma orquestra, que compõe a estrutura da milonga. Entre cada tanda há um tipo de “intervalo” chamado de cortina, que serve para marcar essa separação entre orquestras.

mulher, mas porque quero saber os códigos para poder ensinar uma mulher a dançar tango”. Tenho que te explicar o movimento porque eu vivi essa experiência, não te mostrar o movimento porque copiei na “internet” ou porque vi alguém fazer, entende, senão porque eu vivi isso.

J.W. – Mas essa possibilidade tu só tinha nas milongas gays?

V.C.- Sim, só nas milongas gays. Mas hoje em dia existem milongas como La Biruta, La estrella, em Buenos Aires, onde se brinca muito. Os caras se pegam entre eles ou mulheres bailam entre mulheres também, há mais integração. Há milongas que bem tradicionais que tu tem que respeitar, El Beso, Porteño bailarín, La milonga Del cane, outra milonga Nino Bien, são milongas tradicionais que tu não pode fazer aquilo porque não vão te olhar bem e tu vai ter problemas, melhor cada coisa em seu lugar.

J.W. - Eu acho que a proposta dessa professora, Mariana Docampo, se chama, a proposta dela era, pelo que eu entendi pelo material que eu li no site, era proporcionar um local onde as pessoas pudessem ir e dançar tanto mulheres com mulheres, quanto homens com homens, quanto mulheres com homens invertendo condução, sem que se coloque em xeque a questão da sexualidade. Como tu disseste, tu estavas numa milonga gay... então, claro que por mais que talvez tenham frequentadores que são homossexuais, não é uma milonga gay, é uma milonga onde se permite essa troca.

V.C. – Claro, que não leve o título de milonga gay. Bom, La Marshall hoje em dia, se transformou nisso. Vão muitas pessoas, inclusive tangueros, senhores de 70 anos que tu diz: “que faz um senhor de 70 ano aqui?” Mas vão e compartilham igual. Hoje em dia meio que se tapou aquele tabu de homossexual, sabe. Se tapou, mas se comparte e se baila, normal.

J.W. – Então mesmo em outras milongas era uma prática que vinha se desenvolvendo essa possibilidade?

V.C. – Sim, sim, faz tempo.

J.W. – É que o meu primeiro contato com esse assunto foi a partir desse site do “tango queer”. Foi uma coisa que me chamou muita atenção porque eu sempre via, inclusive nas aulas, sempre o ensino para mulher como aquela que sempre segue a condução e o homem sempre como aquele que conduz. Claro, nunca fiz muito tempo de aula de tango, então talvez, óbvio, como eu sou mulher, o que primeiro me vai se ensina é o papel de aceitar a condução. É difícil, eu acho, ensinar a conduzir antes para uma mulher? Então, foi uma coisa que eu questionei a Astrid⁵⁰, se ela já tinha ouvido falar, mas ela disse que não, com esse nome não, mas tem aulas em Buenos Aires que ensinam, muitos professores trabalham com essa metodologia de ensinar... e ela, justamente, ressaltou esse ponto positivo que é o saber se colocar no papel do outro, saber ensinar uma mulher sabendo como a mulher sente aquela condução.

V.C. – Exato. Muitas vezes nas aulas de avançado que eu faço isso. Com iniciantes não porque confunde muita coisa, em uma etapa que o aluno se sente bem com as bases, já consigo trocar os papéis, “cambio de role” se chama em espanhol. Esses “cambios de roles” são importantes para poder perceber até onde chega a energia do abraço, se eu fico tenso, suspender a mulher, como ela precisa sentir, isso é importante. Quando eu cheguei a Porto Alegre não se via tango, bailavam tango um, dois, três, pra frente, e era isso, um cortadito, e era isso, era isso, ou tentavam bailar um tango artístico no próprio salão. Pulavam para cima, atiravam as mulheres, corriam para cá e atiravam para lá, sabe, era um horror, terrível. E quando eu cheguei e trabalhei as caminhadas, algumas pessoas gostaram, mas outros, aqueles que gostavam de atirar a mulher pra cima e para lá e para cá, começaram a dizer que eu era um comerciante que estava tentando tirar dinheiro das pessoas, e que só os fazia caminhar, o que eles faziam todo o dia, isso era o que falavam de mim. Aí com o tempo além das caminhadas passei a ensinar um pouco mais de figuras e para mostrar que havia outras coisas como El sandwiche, La mordida que falam, algumas varridas, só que as pessoas não estavam preparadas para fazer uma varrida, uma sacada, porque precisavam de base, de estar equilibrados, saber caminhar, conhecer o que é base de seis, base de oito simples, o que é uma base cruzada, o que são saídas invertidas, como se manejar o caminhar com tempo e contra-tempo, como suspender a mulher, como suspendo a mulher para fazer um firulete, o que é um firulete, que são os adornos, que são dentro dos firuletes. Então tudo isso, para transmitir tudo

⁵⁰ Astrid Balsells, bailarina e professora de tango argentino, amiga em comum que atualmente reside na cidade de Santa Maria, RS.

isso para as pessoas custa se a pessoa não tem a idéia do que é o tango. Porque alguns diziam que eram professores de tango aqui e não sabiam caminhar e tiravam a mulher assim, as levantavam no colo, sabe como um passo que fazem no samba que a levantam no colo e a atiram? Assim essas coisas, que digo isso não é tango. Uma coisa é o tango artístico no palco, e tu quer atirá-la, fazer uma pose, é outra coisa porque os códigos do palco e outra coisa é o tango de salão. Então, eu me deparei com essas surpresas. Por isso que durante anos fui batalhando bastante, já faz quase doze anos que estou em Porto Alegre e é uma *batalha constante*. Quando cheguei aqui era meio virgem, não existia nada de tango. O que existia, com respeito ao que era quem gostava de tango que bailavam o tango. Tiveram uns bailarinos que chamam os Molinas, eram argentinos que estiveram aqui, foram e Antunes e Lia foram os primeiros bailarinos de tango de Porto Alegre, eles frequentam bem bailes e tudo que aprenderam com os Molinas, e depois aprenderam comigo. Foram os primeiros que bailavam, que mostravam mais baile de tango, mais verdadeiro. O resto que havia por aí era só coisas coreográficas, assim, copiadas de vídeo. Não que eles dançassem tango, eles coreografavam. Bailavam uma espécie de coreografia, coisas assim, mas não uma improvisação. E aqui meu trabalho é isso, ensinar as pessoas a serem espontâneas, a aprender esse tango argentino, tango universal, o tango do mundo, mas que seja o tango-tango, o verdadeiro é a palavra tango, o resto é enfeite. Pode ser tango francês, tango italiano, tango gaúcho, o que tu queiras com ele, tango “queer”, tango “cool”, tango o que seja, mas tango- tango.

J.W. – Está bom então. Te agradeço.

V.C – Não, obrigado, obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]